



A Cientificidade da Comunicação e das Relações Públicas: um campo a ser explorado¹

Danúbia de OLIVEIRA²

Silvana Padilha FLORES³

Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS

RESUMO

Relações Públicas é uma atividade que ainda está em busca do seu lugar junto às disciplinas ditas científicas. É importante que essa área do conhecimento trate de rever seus conceitos e paradigmas em busca da sua essência. Assim, é necessária uma imersão em busca do que é ciência e de como seus mecanismos e processos ocorrem, quais os pontos primordiais para traçar limites científicos, de forma que não descaracterize a atividade de Relações Públicas e nem a isole da relação com as demais áreas do saber. Este artigo mostra a relevância da base teórico-científica da comunicação fundamentando as Relações Públicas para a comunidade vinculada a esta área, e de como estes subsídios teóricos podem contribuir para a valorização e consolidação da profissão e seu profissional.

PALAVRAS-CHAVE: relações públicas; ciência; teoria; paradigma; comunicação.

TEXTO DO TRABALHO

A ciência é a mola propulsora do desenvolvimento humano em todos os ramos do conhecimento. E por que, então, se observa certa aversão dos estudantes quando se trata de estudar a ciência, mesmo sabendo dessa relevância?

Embora a ciência seja vista como algo natural e necessário à sobrevivência humana, a sua construção é muito complexa e profunda, e é essa complexidade que acaba distanciando-a da vida prática.

Muitos estudos da filosofia da ciência vêm apontando dificuldades no que se refere aos fundamentos, ditos seguros e eficientes, onde repousa a ciência. Fundamentos estes, que são produtos de observações e experimentos, e que trazem a ideia de que existe algum tipo de procedimento que permite derivar teorias científicas de maneira

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Relações Públicas e Comunicação Organizacional, do Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 10º. semestre do Curso de Comunicação Social – Hab. em Relações Pública da Universidade de Caxias do Sul, email: danurs@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social – Hab. em Relações Públicas da Universidade de Caxias do Sul, email: spflores@ucs.br



confiável. Sabe-se que em se tratando de ciência nada é conclusivo, há uma lenta e constante construção e transformação, ou seja, as teorias são consideradas verdadeiras até que se prove o contrário. Até o presente momento, não existe método permanente que comprove a veracidade das teorias científicas existentes. Muitos dos argumentos que defendem essa visão baseiam-se em considerações filosóficas e lógicas, outros têm sua fonte na história da ciência e das modernas teorias científicas.

Já que a ciência se constitui como base para que uma área do saber seja considerada um campo científico, como ocorre com a medicina e a biologia, dentre outras, por que não aplicá-la para a comunicação e, em especial, para a atividade de Relações Públicas?

A ciência sempre busca a verdade. É importante fazer com que a ideia de aproximação da verdade seja sentida, como por exemplo, afirmar que a teoria de Newton se aproxima mais da verdade do que a de Galileu; e de que a de Einstein está mais perto da verdade do que a de Newton, e assim sucessivamente: “a verossimilhança de uma teoria é algo semelhante à medida de seu conteúdo de verdade menos a medida de seu conteúdo de falsidade.” (CHALMERS, 1993, p. 202). E é em busca da sua verdade, enquanto ciência e atividade, que o campo da comunicação e das Relações Públicas está em busca.

Para tanto é importante descobrir, dentre os paradigmas existentes no campo da comunicação e das Relações Públicas, aquele que mais responde aos questionamentos dos membros de sua comunidade. Entende-se que paradigma é o elemento agregador entre os indivíduos de uma comunidade científica e/ou profissional. Mas a busca por um paradigma não é das tarefas mais fáceis. Para Tomas Kuhn⁴, um dos grandes nomes da ciência, o paradigma concretiza-se da seguinte forma: a) estabelecimento de um paradigma: até o presente momento, o mesmo consegue responder aos problemas propostos; b) crise: o paradigma que até então conseguia sanar as dúvidas, já não consegue mais respondê-las (falseabilidade); c) revolução científica: surgem outras possibilidades de resolução dos problemas; busca por novos paradigmas; d) estabelecimento de um novo paradigma após a revolução científica.

⁴ Thomas Kuhn (1922-1996): físico americano formado pela Universidade de Harvard. Seu trabalho é focado na historicidade e filosofia da ciência. Foi professor de História da Ciência na Universidade de Berkeley (Califórnia). Escreveu diversas obras, sendo a mais conhecida “A estrutura das revoluções científicas”, de 1962. (OLIVEIRA, 2008, p.66).



Já para Morin⁵ paradigma designa-se como o “conjunto das relações fundamentais de associação e/ou de oposição entre um número restrito de noções-chave, relações essas que vão comandar-controlar todos os pensamentos, todos os discursos, todas as teorias”. (MORIN, 2000, p. 258).

Tendo compreensão do que seja um paradigma cabem alguns questionamentos: será que o campo da comunicação e das Relações Públicas realmente possui um paradigma? Um elemento que congregue sua comunidade científica? Será que o âmbito comunicacional e em especial, a área das Relações Públicas, tem uma teoria? Mas o que é teoria?

Teoria é o produto final da ciência. Para os pesquisadores Polistchuck e Trinta, a teoria é algo contemplativo: “... teorizar é uma forma de agir, unindo a experiência, o sentimento e o pensamento.” (POLISTCHUCK⁶; TRINTA⁷, 2003, p. 17). Simões⁸ (1995) menciona que teoria e ciência são uma estrada de duas mãos, dois lados da mesma moeda. Já para o senso comum, teoria é o que diferencia algo elaborado mentalmente de algo feito na prática, ou seja, é um aspecto formal e/ou conceitual do processo científico que contrasta com o processo empírico.

Para Morin (2001), as teorias científicas são responsáveis pela organização dos dados analisados em que constroem sua base, e por isso são conjuntos de ideias que explicam determinado fato. Porém, a realidade em que essas teorias estão inseridas, é dinâmica e mutável: então, quando as mesmas não conseguem mais explicar com segurança e exatidão determinada circunstância, são descartadas, dando lugar para novas teorias. Nesse ponto, Morin associa-se a visão de Popper⁹, que afirma que uma teoria para ser considerada científica deve passar pelo teste da falseabilidade.

⁵ Edgar Morin (1921): sociólogo e filósofo francês. Formado em Direito, História, Geografia e Epistemologia. Autor de mais de trinta livros, entre eles, *Ciência com Consciência*. Pesquisador emérito pelo CNRS (*Centre National de la Recherche Scientifique*). Considerado um dos pensadores mais importante do século XX. (OLIVEIRA, 2008, p. 67).

⁶ Ilana Polistchuck é mestre em Comunicação Social pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, e jornalista, também formada pela mesma entidade. Atualmente é professora da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Estácio de Sá. (POLISTCHUCK; TRINTA apud OLIVEIRA, 2008, p. 70).

⁷ Aluizio Ramos Trinta é mestre em Letras/Linguística pela UFRJ, especialista em Comunicação pela Universidade de Toronto (Canadá). (POLISTCHUCK; TRINTA apud OLIVEIRA, 2008, p.70).

⁸ Roberto Porto Simões: professor da PUCRS desde 1963. No programa de pós-graduação, pertence à linha de pesquisa Práticas Sociopolíticas nas Mídias e na Comunicação nas Organizações, orientando teses, dissertações e monografias. (OLIVEIRA, 2008, p. 34).

⁹ Karl Popper (1902-1994): filósofo austríaco naturalizado britânico. Doutor em Filosofia pela Universidade de Viena. Considerado por muitos, o filósofo mais influente do século XX a tematizar a ciência. (OLIVEIRA, 2008, p. 66).



Segundo Popper, a ciência é provisória. Ele utiliza o termo racionalismo crítico, rejeitando a ideia de que a ciência resulte da pura observação, do raciocínio indutivista, empírico. Logo, uma teoria para ser aceita como verdadeira, deve ser testada: comprova-se a sua originalidade ou, então, é eliminada.

Para a comunidade científica o conceito de teoria mais aceito é o de um grupo de leis, organizadas com lógica, ou seja, relacionadas dedutivamente. Assim sendo, teoria traz a noção de sistema. Diante desse contexto chegamos ao ponto crucial deste trabalho, ou seja: existe uma (s) teoria (s) para o campo da comunicação e das Relações Públicas? Conforme explicitado anteriormente, para se chegar a uma teoria, é preciso que o campo aspirante a ser científico tenha um paradigma, o qual consiga congregar seus membros e responder aos seus problemas, essa resposta resultará em uma teoria, que posteriormente, determinará seu objeto e objetivo de estudo. Esse processo aplica-se ao âmbito da comunicação e das Relações Públicas?

Sabemos que a comunicação é uma área que está em constante construção. Todos os dias surgem novas tecnologias, que resultam em mudanças rápidas. É devido a essa dinâmica que a comunicação, enquanto campo do saber constitui-se numa área difícil para definir o seu objeto e objetivo de estudo.

Montardo¹⁰, em seu artigo *Sobre a incompatibilidade da comunicação com o campo científico* (2003), indica as diferenças entre o campo científico, utilizando como base o pensamento de Pierre Bourdieu¹¹, e o campo acadêmico da comunicação, conforme Raul Fuentes Navarro¹², assim posiciona-se:

Já que toda a prática científica dirige-se no sentido de aquisição de autoridade científica, os interesses que devem orientar tais práticas confundem-se com conflitos políticos. Isso no sentido de que os graus de interesse e importância, para quem pesquisa determinado tema, devem ser considerados igualmente interessantes e importantes para os outros. (MONTARDO, 2003, p. 17).

¹⁰ Sandra Portella Montardo é doutora pelo PPGCOM da PUCRS (Universidade Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul). Professora e pesquisadora do Curso de Comunicação do Centro Universitário Feevale, pesquisadora do Grupo de Comunicação e Cultura, filiado a mesma instituição. (MONTARDO, 2004, p. 01).

¹¹ Pierre Bourdieu: sociólogo francês nascido em 1930, tornou-se célebre pelos seus estudos na área da sociologia da cultura e da educação e também pelas suas teorias no domínio do poder. (Disponível na Internet. URL: <http://www.knoow.net/ciencsocioahuman/sociologia/bourdieu pierre.htm>. Acesso em 12 de julho de 2010.

¹² Raul Fuentes Navarro: pesquisador nascido no México. Doutor em Ciências Sociais. Professor-pesquisador do Departamento de Estudos Sócio-Culturais do ITESO (Guadalajara/México). Membro do Sistema Nacional de Pesquisadores (Nível III) e da Academia Mexicana de Ciências. (Disponível na Internet. URL: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/MATRIZES/article/view/3995/3751>. Acesso em 12 de julho de 2010.



Notamos pela citação da autora, que existe uma hierarquia social do campo científico: pesquisadores que já contribuíram com o campo do qual fazem parte, através de estudos relevantes, hoje são o escopo de conhecimento daquela área, e a nova safra de pesquisadores, que a partir da base já existente procuram novas formas de interpretar a realidade, produzindo assim, novos conceitos e teorias.

Se levarmos em consideração que o âmbito da comunicação está em constante mudança, seja devido às novas ferramentas tecnológicas, seja pelas formas de comportamento que esses meios tecnológicos provocam na sociedade, é pertinente a ideia de que surja, aos poucos, maneiras inovadoras de explicar essa realidade, e para tanto, os pesquisadores desse campo testam as teorias já existentes, verificando sua veracidade diante das questões a serem respondidas.

Já Simões afirma que: “[...] o conhecimento científico é sistêmico, isto é, gerado dentro de um quadro de referências, seguindo uma diretriz lógica, cujo início é o conceito e o final é a teoria.” (SIMÕES, 1995, p. 24). Conforme já citado anteriormente, em se tratando do campo da comunicação, a tarefa de determinar um objeto e um objetivo de estudo para a área é árdua e complicada. Então, como definir um limite para seu campo de atuação e o seu objetivo?

José Marques de Melo¹³, um dos grandes nomes e autor de obras importantíssimas para o campo da comunicação no Brasil, também aponta dificuldades em mapear a cientificidade dessa área. Em seu livro *O campo da comunicação no Brasil (2008)*, o pesquisador organiza artigos de diversos pesquisadores do referido campo que debatem a questão dos subsídios teórico-científicos da comunicação. Marques destaca que há uma disparidade do que é aprendido nas academias de Comunicação Social e o que é efetivamente aplicado no mercado empresarial:

A pergunta que vem sendo feita pelos usuários potenciais desse estoque cognitivo, tanto na universidade quanto nas empresas, tanto nos organismos de governo quanto nos movimentos sociais, é a seguinte questão: quais as tendências do saber legitimado sobre o campo da comunicação no Brasil?

As respostas até agora disponíveis não têm sido satisfatórias para corresponder à curiosidade dos que querem aplicar conhecimentos e dos que pretendem refletir sobre as evidências esboçadas. Trata de expectativa frustrada dentro e fora do país. (MELO, 2008, p. 09).

¹³ José Marques de Melo: possui graduação em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco (1964), graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (1965), doutorado e livre-docência em Ciências da Comunicação - Jornalismo pela Universidade de São Paulo (1973). Atualmente é professor titular da Universidade Metodista de São Paulo, onde é Diretor da Cátedra UNESCO de Comunicação. Publicou meia centena de livros e coletâneas, mais de uma centena de artigos em periódicos científicos do país e do exterior. Fundou e dirigiu sociedades científicas espaço iberoamericano. (Disponível na Internet. URL: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>. Acesso em 12 de julho de 2010.



A visão de Issler¹⁴ (2002) corrobora com a opinião de Melo quando afirma que existe a necessidade de se eleger um objeto de estudo para a comunicação, pois há indagações conceituais a serem respondidas acerca da sua área de atuação e sobre o que pretende analisar. Os Cursos de Comunicação Social propõem-se a formar novos produtores do conhecimento no campo da comunicação. No parecer CNE/CES0492/2001¹⁵, instituído pelo Ministério da Educação, o perfil para os egressos destes cursos inclui as seguintes características, dentre outras: capacidade para a criação, produção, distribuição e análise crítica das mídias, bem como às suas implicações culturais, políticas e econômicas na sociedade; habilidade de refletir sobre a variedade e dinamicidade das demandas da área; possuir visão integradora e horizontalizada do seu campo de trabalho, possibilitando assim, o entendimento do processo das diversas modalidades da comunicação; habilidade para utilizar de forma crítica os instrumentos teórico-práticos oferecidos durante o curso, tornando-se assim competente para posicionar-se de um ponto de vista ético-político sobre o exercício do poder da comunicação.

Vemos que há referência ao ensino teórico-científico, mas não à sua especificação, deixando isso sob a responsabilidade das universidades e faculdades de Comunicação Social. É devido a essa falta de um fator comum, que existe uma pluralidade de grades curriculares para o ensino das Relações Públicas, o que acaba gerando múltiplos conceitos e visões da profissão, dificultando, assim, o seu ensino e a sua estruturação como campo produtor do conhecimento científico.

Para que haja uma real representação que contribua na construção do âmbito científico, a produção precisa de uma ordenação metodológica adequada. A ausência de metodologia prejudica o discurso científico. Ou seja, é imprescindível a utilização de uma metodologia estruturada e concreta para que a área possa realmente produzir seu conhecimento científico.

Trazendo o contexto citado acima para o âmbito da comunicação, nota-se o quanto é intrincado estabelecer esses parâmetros. Issler completa:

A produção do conhecimento na Comunicação pode ocorrer tanto do interior do seu campo como em campos contíguos e produzir efeitos

¹⁴ Bernardo Issler é professor e pesquisador da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero. (OLIVEIRA, 2008, p. 72).

¹⁵ CNE – Conselho Nacional de Educação. CES – Câmara de Educação Superior. O referido parecer trata das diretrizes curriculares nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. (OLIVEIRA, 2008, p. 74).



em todos eles. Haveria por assim dizer, fluxos de conhecimentos construídos de modo centrífugo e centrípeto [...] Nas ciências médicas, como em outras ciências afins, pode-se medir as relações de causa e efeito do conhecimento produzido, pois são constantes. Na Comunicação, as relações de causa e efeito podem ser apenas estimadas, avaliadas – não são medidas e nem sempre constantes. (ISSLER apud WEBER, et al, 2002, p. 42).

Anteriormente citamos que as grades curriculares dos Cursos de Comunicação Social fazem referência a subsídios teórico-científicos, porém não existe uma especificação única: cada universidade ou faculdade determina a linha que melhor se adapte à sua filosofia. Contudo é nos bancos acadêmicos que se inicia a construção do conhecimento científico: as instituições de ensino superior têm como principal fundamento gerar e divulgar esse conhecimento, trazendo benefícios para a sociedade, permitindo assim, que o homem compreenda, preveja e controle os acontecimentos naturais e sociais aos quais está sujeito.

É seguindo essa linha de raciocínio de compreensão, previsão e controle que as Relações Públicas se encaixam, segundo Simões (1995). Para o referido autor, esses objetivos serão alcançados a partir do momento em que haja um ajuste às metodologias de pesquisa e do conhecimento científico, sendo esse fator primordial para o pleno desenvolvimento dessa profissão. Mas, além de objetivos e objetos bem estruturados, são importantes também os aportes científicos, ou seja, as teorias.

No contexto de uma profissão, a teoria concede argumentos sólidos ao profissional para que o mesmo avalie determinada situação. Sem a teoria não há como verificar qual o tipo de ação a ser tomada diante do problema apresentado ou ainda, determinar se as soluções que serão adotadas surtirão o efeito desejado, pois não existem critérios que definam limites (o que é ou não problema) dentro do âmbito que está sendo analisado. Para Simões (1995), a falta de uma teoria, ou o desconhecimento da mesma, pode acarretar faltas graves na resolução de certas circunstâncias. O autor enfatiza:

O desconhecimento ou incompreensão da diferença, se não inviabiliza o processo de intervenção, pelo menos o leva a ser realizado em termos de suposições, gerando ações ao sabor de tentativas de acerto e erro, com todos os problemas explícitos. Uma das consequências do desconhecimento ou da impossibilidade de diagnóstico prévio é o chamado diagnóstico diferenciado, isto é, aquele realizado através de resultados observáveis [...] seria como se o médico fosse prescrevendo qualquer medicação ao paciente e observando-o para ver se os sintomas desapareciam. (SIMÕES, 1995, p. 29).



Assim, a teoria é fonte de segurança para o profissional, pois além do esclarecimento, também proporciona a previsão, ou seja, o prognóstico. O conhecimento de determinada teoria permite ao investigador substituir palpites por expressões e previsões bem fundamentadas. Porém, não se pode ter um pensamento ingênuo, acreditando que ao encontrar uma teoria específica para a comunicação e/ou para as Relações Públicas, esperar que a mesma seja a resposta para todos os questionamentos da área. Teoria, não é a verdade engessada, ela é sim uma representação da realidade. Portanto, teoria é algo em mutação, testada, aprovada ou reprovada pela comunidade científica que a estuda. E dessa constante interação, novas ideias surgem, impulsionando assim a área com a qual se relaciona.

Em suma, a sistematização e/ou identificação de teorias (ou uma teoria) para as Relações Públicas é de extrema importância para seu contínuo aperfeiçoamento, pois só assim se poderá ter uma base epistemológica sólida que permita tanto ao acadêmico, quanto ao profissional, ter o pleno conhecimento do que são e o que fazem as Relações Públicas e, o mais importante, poderão fundamentar em bases sólidas suas decisões e ações na resolução e/ou prevenção de problemas no âmbito das organizações.

Um dos estudiosos mais atuantes na área de Relações Públicas é o professor Roberto Porto Simões. Em duas de suas obras mais conhecidas – *Relações públicas: função política (3ª edição – 1995)* e *Relações públicas e micropolítica (2001)* – o autor busca um aparato teórico-científico para o campo das Relações Públicas. No primeiro livro, o estudo baseia-se na apresentação da atividade de Relações Públicas em seus aspectos conceituais e operacionais, propondo uma teoria que permita uma linguagem comum a todos membros que compõem a comunidade de Relações Públicas. O pesquisador lança a opinião de que se possa entender as Relações Públicas teoricamente, sob os conceitos da micropolítica e, na prática, como administradora das relações de poder da organização através do processo de comunicação com seus públicos.

Já na segunda obra, o professor Simões realça ainda mais a atividade de Relações Públicas como gestora da função organizacional política: é um esforço a mais para mostrar que essa profissão não é tão somente o exercício de técnicas, mas contém uma tecnologia bem fundamentada em uma teoria política. O cerne da profissão de Relações Públicas está em produzir resultados que possibilitem às organizações o cumprimento de suas missões e também ajudar a potencializar o desenvolvimento de determinada comunidade.



O autor aponta a necessidade da existência de um quadro referencial teórico para o ensino e a prática da atividade de Relações Públicas, destacando que toda área do conhecimento humano necessita de dois elementos básicos: processo e programa. O processo diz respeito à estrutura, aos componentes e à dinâmica do fenômeno que está sendo analisado. Já o programa refere-se à ação humana que intervém no processo, a fim de controlá-lo. Para que o processo seja entendido e explicado, é necessária a presença de teorias; e o programa para ser implantado, requer além das teorias, tecnologia, técnica e *know-how*.

Em suma, o pensamento de Simões com relação à construção de uma teoria para as Relações Públicas, pode ser assim sintetizado: a) a atividade de Relações Públicas é responsável pela gestão da função organizacional e política; b) o aprofundamento de suas bases teóricas se dá através da ciência e epistemologia; c) a atividade de Relações Públicas não é uma profissão meramente técnica, mas está estruturada em uma teoria; d) o perfil do profissional de Relações Públicas deve ser o de um estrategista nas relações de poder no nível da micropolítica e posteriormente um tarefeiro no uso das ferramentas de comunicação.

As duas obras de Simões têm em comum a proposta de uma base lógica para desenvolver um processo de revisão dos conceitos das Relações Públicas, dos currículos acadêmicos, do perfil do profissional, da prática da atividade, da ética e da estética. A segunda (Relações públicas e micropolítica), foi o aprimoramento da primeira (Relações públicas: função política), mediante avaliação da comunidade da área: acadêmicos, professores e profissionais.

Outro nome relevante para a área das Relações Públicas é o de Margarida Maria Krohling Kunsch¹⁶. Autora de diversas obras que ajudaram na construção de uma identidade para a atividade e o campo da comunicação, assim como Simões, também defende uma base teórico-científica sólida para as Relações Públicas.

Kunsch baseia seu trabalho na reflexão sobre o campo científico de duas áreas: a de Relações Públicas e da comunicação organizacional. Para a pesquisadora, Relações

¹⁶ Obras de Margarida Maria Krohling Kunsch: Planejamento de relações públicas na comunicação integrada (1ª edição-1986 e 4ª edição-2003), Comunicação e educação: caminhos cruzados (1986), Universidade e comunicação na edificação da sociedade (1992), Relações públicas e modernidade: novos paradigmas na comunicação organizacional (1997-5ª edição), Obtendo resultados com relações públicas (1997 – nessa obra, a autora é organizadora), Mídia e tolerância: a ciência construindo caminhos de liberdade (2002), Gestão estratégica em comunicação organizacional e relações públicas (2008), Relações públicas e comunicação organizacional (2008), Comunicação organizacional – volume 01 – histórico, fundamentos e processos (2009), Comunicação organizacional – volume 02 – linguagem gestão e perspectivas (2009), Comunicação na gestão da sustentabilidade das organizações (2009), Relações públicas: história, teorias e estratégias nas organizações contemporâneas (2009), A comunicação como fator humanizante das organizações (2010).



Públicas é a atividade que administra a relação da organização e seus diversos públicos, realizada através da comunicação organizacional. Para concretizar com sucesso tal tarefa, é preciso que se busque fundamentação teórico-científica para estruturar a prática da administração dos relacionamentos entre as organizações e seus públicos, além de buscar subsídios em outros campos do saber.

Segundo Kunsch, os novos paradigmas para a atividade de Relações Públicas têm de ser buscados nas ciências sociais. Órgãos como o CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e a FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), relacionam a comunicação como uma área e as Relações Públicas como uma subárea das Ciências Sociais Aplicadas. Portanto, os pressupostos e os fundamentos teóricos para a prática das Relações Públicas têm de ser buscados nesses campos.

Além desses dois grandes nomes da literatura das Relações Públicas, existem outros pesquisadores que se debruçam na busca de aparatos teórico-científicos. Porém Kunsch e Simões são expoentes nessa procura, justamente pela profundidade, criticidade e credibilidade de suas obras.

No entanto, outros caminhos já estão sendo trilhados na pesquisa de uma epistemologia para o âmbito das Relações Públicas e da comunicação. Um trabalho destacado é o do pesquisador Tiago Mainieri de Oliveira¹⁷ (2003): *Caos e complexidade – um novo olhar sobre as Relações Públicas*. Tal estudo tem como objetivo interpretar os fenômenos organizacionais em um ambiente complexo, em que as Relações Públicas necessitam encontrar diferentes aparatos para lidar com esse novo panorama. Para tanto, o autor baseia-se nos estudos de Prigogine¹⁸, procurando elementos para uma abordagem que tem a pretensão de apontar novos caminhos para a análise dos elementos comunicacionais nas organizações, estabelecendo interfaces com os estudos do caos e da complexidade. Em defesa de sua tese, o autor diz:

Nesse estudo disponho-me a uma análise, ainda que introdutória, do novo cenário que se desenha para as Relações Públicas, na tentativa de um redimensionamento conceitual. É preciso romper com as amarras

¹⁷ Professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Formado em Relações Públicas pela Universidade Federal de Santa Maria-UFSM. Mestre em Engenharia de Produção pela UFSM e aluno especial do Doutorado em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS. (OLIVEIRA, 2003, p. 01).

¹⁸ O químico e físico russo Ilya Prigogine (Prêmio Nobel) propõe a “teoria das estruturas dissipativas”. Em seus estudos, traz conceitos e princípios de não-linearidade, auto-organização, entropia, ordem, complexidade, caos, instabilidade, entre outros (OLIVEIRA, 2003, p. 02).



(compartimentação) acadêmicas, no sentido de construirmos novos olhares e análises que permitam a sedimentação teórica das Relações Públicas. (OLIVEIRA, 2003, p. 04).

Para compreender essa proposta é necessário entender as organizações como sistemas, ou seja, como um conjunto de pequenas unidades que interagem entre si. Uma importante observação desse estudo mostra que ínfimas variações podem ocasionar alterações em todo sistema organizacional, é o chamado “efeito borboleta”.

Dentro do sistema da organização, o efeito borboleta desfaz a visão linear de causa-efeito, onde para cada ação corresponde uma reação na mesma força e intensidade. Essa realidade impõe às organizações uma capacidade de auto-programação, capacidade esta não contemplada pela visão mecanicista. Sendo assim, diante dessa situação, a organização precisa se renovar sempre. Para Oliveira (2003), esse processo de se reinventar tendo a si próprio como referência (auto-referência), é encontrado em muitas estruturas. O autor denomina essas figuras de fractais: elas evoluem, sempre acrescentando novas camadas de complexidade.

Enquanto um sistema organizacional tem a habilidade de auto renovar-se, ele evolui. Se o inverso ocorre, ele chega ao fim. “Um pouco de exagero para o lado da ordem e o sistema congela e necrosa. Um passo a mais em direção à desordem e o sistema se desintegra em pedaços.” (OLIVEIRA, 2003, p. 07). Tem-se, assim, um novo desafio para as empresas: sua perpetuação. É imprescindível que as instituições empresariais se reinventem, lidando de maneira criativa com a informação.

Outra contribuição bastante inovadora é a da pesquisadora Sandra Portella Montardo (2004), em seu artigo *Comunicação: campo de mediações e de complexidade*. Nesse estudo, Montardo objetiva estabelecer uma relação entre a teoria das mediações, de Jesús Martín-Barbero¹⁹, e o paradigma da complexidade, de Edgar Morin.

A teoria das mediações traz como proposta o deslocamento do foco da análise da comunicação dos meios para as mediações, que são as práticas de comunicação e os movimentos sociais no espaço cultural da sociedade.

Para Martín-Barbero (apud Montardo, 2004), a comunicação não se constitui um fim, mas um meio para apreensão e viabilização do conhecimento. Em síntese, trata-se

¹⁹ Jesús Martín-Barbero: pesquisador nascido em 1930, em Ávila (Espanha). É formado em Filosofia e Letras pela Universidade Católica de Lovaina (Bélgica). Em 1971, conquistou o título de Doutor em Antropologia e Semiótica na Escola de Altos Estudos de Paris. De 1975 a 1995, foi diretor do Departamento de Comunicação da Universidade de Valle en Cali (Colômbia). Entre 1995 a 2002 exerceu a docência no Instituto Tecnológico e de Estudos Superiores do Ocidente, em Guadalajara (México). (Disponível na Internet. URL: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Jesus_Martin_Barbero. Acesso em 12 de julho de 2010.



de mudar o centro: ao invés do foco ser os meios de comunicação de massa e seu papel de veículo de mensagens ideológicas dos detentores desses meios, a sugestão do pesquisador é de que a partir das mediações se passe a dar uma maior importância à investigação através da intercessão dos sujeitos, ou seja, uma orientação a partir da articulação entre práticas de comunicação e dos movimentos sociais.

Já o paradigma da complexidade, segundo Edgar Morin (apud Montardo, 2004), contrasta com o paradigma da ciência clássica, que orienta as relações entre o indivíduo e o mundo desde o século XVII, que possui premissas como: não admitir o caos; isolamento do objeto que está sendo analisado com relação ao contexto no qual está inserido e ao seu observador; inteligibilidade cartesiana; exclusão do não-mensurável e do não-quantificável; disjuntor e simplificador; visão mecanicista.

A proposta de Morin tem como características envolver os seguintes princípios: dialógico (unidade a partir da dualidade de termos antagônicos e complementares), da recursão organizacional (rompe com a ideia de causa e efeito: produtos e efeitos são ao mesmo tempo causas e produtores daquilo que os gerou) e hologramático (o todo está nas partes e as partes estão no todo).

Aprofundando-se um pouco mais no pensamento de Morin a respeito da complexidade, em sua obra *A cabeça bem-feita* (2001), ele constata que a fragmentação do saber, leva a formação de profissionais unívocos, super-especialistas na sua área de origem, sem percepção do todo. A teoria da complexidade propõe-se a religar os conhecimentos dispersos, exigindo dos sujeitos uma nova postura diante da dinâmica que a realidade apresenta:

[...], o desafio da globalidade é também um desafio de complexidade. Existe complexidade, de fato, quando os componentes que constituem um todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico) são inseparáveis e existe um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre as partes e o todo, o todo e as partes. Ora, os desenvolvimentos próprios de nosso século e de nossa era planetária nos confrontam, inevitavelmente e com mais e mais frequência, com os desafios da complexidade. (MORIN, 2001, p. 14).

Montardo ainda faz uma análise paralela entre a teoria das mediações e o paradigma da complexidade, utilizando como elementos intermediadores: a questão do sujeito, da realidade descontínua e da transdisciplinaridade. Para Martín-Barbero, o sujeito, enquanto agente social, a partir de sua ação provoca interferência no curso da história, modificando toda uma dinâmica cultural, até então estabelecida. Já para Morin, o sujeito deve entrever a possibilidade e a necessidade do seu retorno nas relações



científicas com o objeto pesquisado. A realidade descontínua na teoria das mediações é vista de forma não linear: ela é dinâmica, pois leva em consideração a evolução da história e a interferência do sujeito social. Para o pesquisador francês, a realidade descontínua está estruturada nos princípios: recursão organizacional e hologramático.

No que diz respeito à transdisciplinaridade, Martín-Barbero a define como caminho teórico-metodológico capaz de dar conta da comunicação, pensada e analisada a partir das mediações. Para Morin, a questão da transdisciplinaridade é o início da distinção, mas não da separação entre o objeto que é analisado e o seu ambiente. O pesquisador também afirma que toda ciência é transdisciplinar, pois seu objetivo é a transformação dos princípios que organizam o conhecimento e não o acúmulo do mesmo, ou seja, a ciência segue um caminho de constantes renovações e descobertas de novas relações.

Assim como Oliveira, Baldissera propõe que tanto as Relações Públicas como a comunicação devam ser repensadas através do conceito da complexidade. Em seu artigo *Reflexões sobre comunicação, relações públicas e complexidade (2007)*, ele afirma que o mundo atual não pode ser explicado e/ou entendido por teorias simplificadoras, justamente porque a sociedade vive na globalização, vive uma realidade complexa, dinâmica, interativa. “Portanto, é preciso complexificar o olhar para melhor compreender e explicar a realidade, assim como é necessário questionar e agir para superar a tendência à simplificação”. (BALDISSERA, 2007, p. 02). E complementa:

Da mesma forma, pode-se dizer que também as noções de Comunicação e Relações Públicas precisam ser pensadas sob a perspectiva da complexidade. Por serem complexas, o estudo dessas noções exige cuidado para que o desejo da simplificação não sobressaia em detrimento da multiplicidade de elementos articulados em suas materializações. Isso pressupõe que a comunicação humana consiste em um processo que tensiona forças relacionais para que a significação seja atualizada. Por sua vez, essa concepção requer que as Relações Públicas sejam pensadas, não como simples técnica de relacionamento e persuasão entre uma entidade (organização, instituição e/ou pessoa) e seus públicos de interesse e, sim, como filosofia que norteia a existência dessa entidade em relação com os diferentes públicos e, portanto, basilar para os processos que ela realiza, mesmo quando se tratarem de relações indiretas. (BALDISSERA, 2007, p. 02).

Portanto, diante desse cenário que se desenha, é primordial que a teoria vinculadas às Relações Públicas e à comunicação acompanhe tais visões. Para os pesquisadores Oliveira e Baldissera, a releitura das organizações como sistemas complexos e caóticos, é fundamental para a reformulação de novos pressupostos



teóricos para a atividade de Relações Públicas. Já Montardo, salienta que é importante que o conhecimento deixe de ser visto compartimentado: o mesmo deve ser visto como uma malha, em que todos os pontos estão interligados. A revisão das concepções que hoje explicam as Relações Públicas irá permitir a reconstrução com outros olhares e vieses, aposentando pressupostos que não se afinam com as novas propostas que tenham viabilidade para serem pesquisadas dentro do âmbito das Relações Públicas. Algo que poderá, num futuro próximo, ajudar a fundamentar essa atividade no patamar da ciência.

REFERÊNCIAS

- BALDISSERA, Rudimar . **Reflexões sobre comunicação, relações públicas e complexidade**. In: I Congresso Brasileiro de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas, 2007, São Paulo. I Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas. São Paulo : ABRAPCOR/Eca/USP, 2007.
- BECKER, Gustavo E. Hasse. **Enfoques teóricos predominantes em relações públicas: um estudo das monografias de conclusão de curso da ULBRA**. Canoas: Ed.ULBRA, 2003.
- BOMBASSARO, Luiz Carlos. **Ciência e mudança conceitual**. Revista Chronos, Caxias do Sul, v.26, n.1 e n.2, p.21-45, jan/dez. 1993.
- CHALMERS, Alan. **O que é ciência afinal?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- MELO, José Marques de (org). **O campo da comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MONTARDO, Sandra Portella. **Sobre a incompatibilidade da comunicação como campo científico**. Ecos Revista – Periódico da escola de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas, v.6, n.1, p. 15-29, jan.-jun./2002.
- _____, **Comunicação: campo de mediações e de complexidade**. Disponível na Internet. URL: <http://www.bocc.ubi.pt>. Acesso em 12 out.2010.
- MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. São Paulo: Bertrand, 2001.
- _____, **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.
- OLIVEIRA, Danúbia de. **A área de relações públicas no patamar da ciência**, Caxias do Sul, 2006. 34, 66, 67, 70, 72, 74, 92, 95 fls. Trabalho apresentado como requisito parcial de Conclusão do Curso de Comunicação Social, Habilitação em Relações Públicas, Universidade de Caxias do Sul, 2008.
- OLIVEIRA, Tiago Mainieri. **Caos e complexidade: um novo olhar sobre as relações públicas**. In: Núcleo de Relações Públicas e Comunicação Organizacional, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.
- Parecer CES0492**. Disponível na Internet. URL: <http://www.mec.gov.br>. Acesso em 12 de jul. de 2010).
- POLISTCHUCK, Ilana. TRINTA, Aluizio. **Teorias da comunicação: o pensamento e a prática da comunicação social**. São Paulo: Editora Campus, 2003.
- SIMÕES, Roberto Porto. **Relações públicas: função política**. 3. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1995.
- _____, **Relações públicas e micropolítica**. São Paulo: Summus Editorial, 2001.
- _____, **Informação, inteligência e utopia: contribuições à teoria de relações públicas**. São Paulo: Summus Editoria, 2006.



Obs: verificar outros exemplos na norma da ABNT 6023.